

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO XXV – Buscáis e Achareis

Índice

Capítulo XXV – Buscai e achareis	03
Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará	03
Ajuda-te, e o céu te ajudará	05
Entre a Terra e o Céu	07
Observai os pássaros do céu	10
O Evangelho segundo e Espiritismo	12
Renúncia com Jesus	15
Não vos afadigueis pela posse do ouro	17
O Evangelho segundo e Espiritismo	18
Também nós, tenhamos cuidado!	20

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec
Capítulo XXV – Buscais e achareis

1. Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará

1. Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei à porta e se vos abrirá; porquanto, quem pede recebe e quem procura acha e, àquele que bata à porta, abrir-se-á.

Qual o homem, dentre vós, que dá uma pedra ao filho que lhe pede pão? Ou, se pedir um peixe, dar-lhe-á uma serpente? Ora, se, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, não é lógico que, com mais forte razão, vosso Pai que está nos céus dê os bens verdadeiros aos que lhos pedirem?

(Mateus, 7:7 a 11.)

2 Do ponto de vista terreno, a máxima: Buscai e achareis é análoga a esta outra: Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará. É o princípio da lei do trabalho e, por conseguinte, da lei do progresso, porquanto o progresso é filho do trabalho, visto que este põe em ação as forças da inteligência.

Na infância da Humanidade, o homem só aplica a inteligência à cata do alimento, dos meios de se preservar das intempéries e de se defender dos seus inimigos. Deus, porém, lhe deu, a mais do que outorgou ao animal, o desejo incessante do melhor, e é esse desejo que o impele à pesquisa dos meios de melhorar a sua posição, que o leva às descobertas, às invenções, ao aperfeiçoamento da Ciência, porquanto é a Ciência que lhe proporciona o que lhe falta. Pelas suas pesquisas, a inteligência se lhe engrandece, o moral se lhe depura. Às necessidades do corpo sucedem as do espírito: depois do alimento material, precisa ele do alimento espiritual. É assim que o homem passa da selvageria à civilização.

Mas bem pouca coisa é, imperceptível mesmo, em grande número deles, o progresso que cada um realiza individualmente no curso da vida.

Como poderia então progredir a Humanidade, sem a preexistência e a reexistência da alma? Se as almas se fossem todos os dias, para não mais voltarem, a Humanidade se renovaria incessantemente com os elementos primitivos, tendo de fazer tudo, de aprender tudo. Não haveria, nesse caso, razão para que o homem se achasse hoje mais adiantado do que nas primeiras idades do mundo, uma vez que a cada nascimento todo o trabalho intelectual teria de recomeçar. Ao contrário, voltando com o progresso que já realizou e adquirindo de cada vez alguma coisa a mais, a alma passa gradualmente da barbárie à civilização material e desta à civilização moral.

(Vede: cap. IV, item 17.)

3. Se Deus houvesse isentado do trabalho do corpo o homem, seus membros se teriam atrofiado; se o houvesse isentado do trabalho da inteligência, seu espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal. Por isso é que lhe fez do trabalho uma necessidade e lhe disse:

Procura e acharás; trabalha e produzirás. Dessa maneira serás filho das tuas obras, terás delas o mérito e serás recompensado de acordo com o que hajas feito.

4. Em virtude desse princípio é que os Espíritos não acorrem a poupar o homem ao trabalho das pesquisas, trazendo-lhe, já feitas e prontas, a ser utilizadas, descobertas e invenções, de modo a não ter ele mais do que tomar o que lhe ponham nas mãos, sem o incômodo, sequer, de abaixar-se para apanhar, nem mesmo o de pensar. Se assim fosse, o mais preguiçoso poderia enriquecer-se e o mais ignorante tornar-se sábio à custa de nada e ambos se atribuírem o mérito

CAPÍTULO XXV – BUSCAI E ACHAREIS

do que não fizeram. Não, os Espíritos não vêm isentar o homem da lei do trabalho: vêm unicamente mostrar-lhe a meta que lhe cumpre atingir e o caminho que a ela conduz, dizendo-lhe: Anda e chegarás. Toparás com pedras; olha e afasta-as tu mesmo. Nós te daremos a força necessária, se a quiseres empregar.

(O livro dos médiuns, 2a Parte, cap. XXVI, itens 291 e seguintes.)

5. Do ponto de vista moral, essas palavras de Jesus significam: Pedi a luz que vos clareie o caminho e ela vos será dada; pedi forças para resistirdes ao mal e as tereis; pedi a assistência dos bons Espíritos e eles virão acompanhar-vos e, como o anjo de Tobias, vos guiarão; pedi bons conselhos e eles não vos serão jamais recusados; batei à nossa porta e ela se vos abrirá; mas pedi sinceramente, com fé, confiança e fervor; apresentai-vos com humildade, e não com arrogância, sem o que sereis abandonados às vossas próprias forças e as quedas que derdes serão o castigo do vosso orgulho.

Tal o sentido das palavras: buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á.

Crônicas e Artigos

Nº 198 – 27/02/2011

O Consolador – (Altamirando Carneiro)

I. Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará

Ajuda-te, e o céu te ajudará

Esclarece-nos o capítulo XXV (Buscai e achareis) de O Evangelho segundo o Espiritismo que a máxima: “Buscai, e achareis”, que é semelhante a: Ajuda-te, e o céu te ajudará, é o princípio da lei do trabalho e, conseqüentemente, da lei do progresso.

Se não existisse o trabalho, o homem seria um ser inútil.

“Se Deus tivesse liberado o homem do trabalho físico, seus membros seriam atrofiados; se o tivesse liberado do trabalho intelectual, seu Espírito permaneceria na infância, nas condições instintivas do animal.

Eis por que ele fez do trabalho uma necessidade, e lhe disse:”

“Busca e acharás; trabalha e produzirás; e dessa maneira serás filho de tuas obras, terás o mérito da tua realização, e serás recompensado segundo o que tiveres feito.”

A comunicação de Lázaro (A lei de amor – item 8), do capítulo XI (Amar o próximo como a si mesmo), diz que;

“No seu ponto de partida, o homem só tem instintos; mais avançado e corrompido, só tem sensações; mais instruído e purificado, tem sentimentos”.

Se analisarmos a história da Humanidade, verificaremos que no seu ponto de partida, o homem aplicava a sua inteligência para procurar alimentos, buscar os meios de preservar-se das intempéries e livrar-se dos inimigos.

Com o passar dos séculos, Deus deu ao homem, mais que ao animal, o desejo de melhorar-se, o que o impulsiona à pesquisa, às descobertas, às invenções, ao aperfeiçoamento.

A Ciência veio, então, para ajudar o homem, entendendo-se que as descobertas que visam à cura das doenças, ao conforto e às melhorias que beneficiam a espécie humana têm que surgir do esforço do próprio homem.

Caso contrário, o homem cruzaria os braços e ficaria simplesmente esperando que as coisas acontecessem de acordo com o seu desejo.

O Evangelho registra a afirmação dos Espíritos em O Livro dos Médiuns; (capítulo XXVI, números 291 e seguintes):

“Não, os Espíritos não vêm livrar o homem da lei do trabalho, mas mostrar-lhe o alvo que deve atingir e a rota que o leve a ele, dizendo: Marcha e atingirás! Encontrarás pedras nos teus passos; mantém-te vigilante, e afasta-as por ti mesmo! Nós te daremos a força necessária, se quiseres empregá-la”.

Importante atentarmos para esta questão, observada no Evangelho: o progresso que cada homem realiza individualmente é insignificante. A análise do assunto é bem mais esclarecedora quando consideramos a existência e preexistência da alma.

“Se as almas deixassem a Terra todos os dias, para não mais voltar, a Humanidade se renovaria sem cessar com as entidades primitivas, que teriam tudo a fazer e tudo a aprender.

Não haveria razão, portanto, para que o homem de hoje fosse mais adiantado que os dos primeiros tempos do mundo, pois que para cada nascimento o trabalho intelectual teria de recomeçar.

CAPÍTULO XXV – BUSCAI E ACHAREIS

A alma voltando, ao contrário, com o seu progresso já realizado, e adquirindo cada vez alguma experiência a mais, vai assim passando gradualmente da barbárie à civilização material, e desta à civilização moral.”

Esclarece o Evangelho que as palavras de Jesus:

“Buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á” significam, conforme a compreensão moral;

“Pedi a luz que deve clarear o vosso caminho, e ela vos será dada; pedi a força de resistir ao mal, e a tereis; pedi a assistência dos bons Espíritos, e eles virão ajudar-vos, e, como o anjo de Tobias, vos servirão de guias; pedi bons conselhos, e jamais vos serão recusados; batei à nossa porta, e ela vos será aberta; mas pedi sinceramente, com fé, fervor e confiança; apresentai-vos com humildade e não com arrogância, sem o que sereis abandonados às vossas próprias forças, e as próprias quedas que sofrerdes constituirão a punição do vosso orgulho”.

Estudando a Série André Luiz

I. Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará

Nº 124 – 13/09/2009

O Consolador – (Marcelo Borela de Oliveira)

Entre a Terra e o Céu

Questões preliminares

A. Como conceituar a prece?

Conforme palavras do ministro Clarêncio, a prece, qualquer que ela seja, é ação provocando a reação que lhe corresponde. Às vezes paira na região em que foi emitida ou se eleva mais ou menos, recebendo resposta imediata ou remota, conforme suas finalidades. Almas enobrecidas amparam os impulsos de expressão mais nobre. Ideais e petições de grande significação remontam às alturas. Cada prece caracteriza-se por determinado potencial de frequência e todos nós estamos cercados por Inteligências capazes de sintonizar com o nosso apelo, à maneira de estações receptoras, visto que a Humanidade Universal constitui-se de criaturas de Deus, em diversas idades e posições.

(Entre a Terra e o Céu, cap. I, pp. 9 e 10.)

B. Como entender o mal e suas consequências?

O mal – diz Clarêncio – é sempre um círculo fechado sobre si mesmo, guardando temporariamente aqueles que o criaram, qual se fora um quisto de curta ou longa duração, a dissolver-se, por fim, no bem infinito, à medida que se reeducam as Inteligências que a ele se aglutinam e afeiçoam. É por isso que o Senhor tolera a desarmonia, para que, através dela mesma, se efetue o reajustamento moral dos que a sustentam, uma vez que o mal reage sobre aqueles que o praticam. Somos todos senhores de nossas criações e, ao mesmo tempo, delas escravos infortunados ou felizes tutelados.

“Pedimos e obtemos, mas pagaremos por todas as aquisições”, acentuou Clarêncio.

“A responsabilidade é princípio divino a que ninguém poderá fugir.”

(Obra citada, cap. I, pp. 10 a 12.)

C. Que é oração refratada?

A prece ou oração refratada é aquela cujo impulso luminoso tem sua direção desviada, passando a outro objetivo.

(Obra citada, cap. II, pp. 13 a 15.)

Texto para Leitura

1. **Nosso “hoje” será a luz ou a treva do nosso “amanhã”** – No prefácio, Emmanuel informa que da história contida neste livro destacam-se os impositivos do respeito que nos cabe consagrar ao corpo físico e do culto incessante de serviço ao bem, para retirarmos da romagem terrena as melhores vantagens com vistas à vida imperecível. Nenhuma situação espetaculosa nele iremos encontrar. Em suas páginas o que veremos é a vida comum das almas que aspiram à vitória sobre si mesmas, valendo-se dos tesouros do tempo para a aquisição de luz renovadora. André reuniu nesta obra, quadros e situações que são comuns nos lares terrenos, e sobre tais fatos, por ensinamento central, ele nos mostra a necessidade da valorização dos recursos que o mundo nos oferece para a reestruturação do nosso destino.

“Em muitas ocasiões, somos induzidos – diz Emmanuel – a fitar a amplidão celestial, incorporando energia para conquistar o futuro; entretanto, muitas vezes somos constrangidos a observar o trilho terrestre, a fim de entender o passado a que o nosso presente deve a sua origem”.

Neste livro somos, pois, forçados a contemplar-nos por dentro, em nossas experiências e possibilidades, “para que não nos falhe o equilíbrio à jornada redentora, no rumo do porvir”.

É como se dele uma voz inarticulada do Plano Divino nos falasse:

“A Lei é viva e a Justiça não falha! Esquece o mal para sempre e semeia o bem cada dia! Ajuda aos que te cercam, auxiliando a ti mesmo! O tempo não para, e, se agora encontras o teu ontem, não olvides que o teu hoje será a luz ou a treva do teu amanhã!”

(Prefácio, págs. 7 e 8)

2. Toda prece provoca uma reação correspondente – Clarêncio comentava, no Templo do Socorro, em “Nosso Lar”, a sublimidade da prece, e todos o ouviam com a melhor atenção.

“Todo desejo – dizia o Ministro – é manancial de poder. A planta que se eleva para o alto, convertendo a própria energia em fruto que alimenta a vida, é um ser que ansiou por multiplicar-se.”

Um dos ouvintes lembrou, contudo, que todo peditório reclama quem ouça. Assim, quem teria respondido aos rogos, sem palavras, da planta? Clarêncio respondeu, tranquilo:

“A Lei, como representação de nosso Pai Celestial, manifesta-se a tudo e a todos, através dos múltiplos agentes que a servem. No caso a que nos reportamos, o Sol sustentou o vegetal, conferindo-lhe recursos para alcançar os objetivos que se propunha atingir”.

E, com significativo entono na voz, o Benfeitor continuou:

“Em nome de Deus, as criaturas, tanto quanto possível, atendem às criaturas. Assim como possuímos em eletricidade os transformadores de energia para o adequado aproveitamento da força, temos igualmente, em todos os domínios do Universo, os transformadores da bênção, do socorro, do esclarecimento. As correntes centrais da vida partem do Todo-Poderoso e descem a flux, transsubstanciadas de maneira infinita. Da luz suprema à treva total, e vice-versa, temos o fluxo e o refluxo do sopro do Criador, através de seres incontáveis, escalonados em todos os tons do instinto, da inteligência, da razão, da humanidade e da angelitude, que modificam a energia divina, de acordo com a graduação do trabalho evolutivo, no meio em que se encontram”.

Clarêncio informou, então, que cada degrau da vida está superlotado por milhões de criaturas:

“O caminho da ascensão espiritual é bem aquela escada milagrosa da visão de Jacob, que passava pela Terra e se perdia nos céus. A prece, qualquer que ela seja, é ação provocando a reação que lhe corresponde”.

O Instrutor explicou que a prece às vezes paira na região em que foi emitida ou se eleva mais, ou menos, recebendo resposta imediata ou remota, conforme as suas finalidades. Almas enobrecidas amparam os impulsos de expressão mais nobre. Ideais e petições de grande significação remontam às alturas. Cada prece, esclareceu Clarêncio, se caracteriza por determinado potencial de frequência e todos nós estamos cercados por Inteligências capazes de sintonizar com o nosso apelo, à maneira de estações receptoras, visto que a Humanidade Universal constitui-se de criaturas de Deus, em diversas idades e posições.

(Cap. I, págs. 9 e 10)

3. O mal reage sobre aqueles que o praticam – Clarêncio deixou claro que no Reino Espiritual devemos considerar também os “princípios da herança”. Cada consciência, à medida que se aperfeiçoa e se santifica, aprimora em si qualidades do Pai, harmonizando-se, gradativamente, com a Lei.

“Quanto mais elevada a percentagem dessas qualidades num espírito, mais amplo é o seu poder de cooperar na execução do Plano Divino, respondendo às solicitações da vida, em nome de Deus”;

Acrescentou o Ministro. Ele esclareceu, contudo, que devemos abster-nos de utilizar a palavra “prece”, quando uma pessoa invoca as forças espirituais para propósitos malignos.

“Quando alguém nutre o desejo de perpetrar uma falta está invocando forças inferiores e mobilizando recursos pelos quais se responsabilizará”, explicou o Instrutor. Podemos, então,

CAPÍTULO XXV – BUSCAI E ACHAREIS

através dos impulsos infelizes da alma, descer às desvairadas vibrações, da cólera ou do vício e com facilidade cair no poço do crime, ligando-nos de imediato a certas mentes estagnadas na ignorância, que se fazem instrumentos de nossas baixas idealizações ou das quais nos tornamos joguetes. Nossas aspirações movimentam energias para o bem ou para o mal; a escolha é nossa. Daí o cuidado com a direção que lhes dermos, visto que nosso pensamento voará diante de nós, atraindo e formando a realização que nos propomos atingir.

O Ministro lembrou, ainda:

“que o mal é sempre um círculo fechado sobre si mesmo, guardando temporariamente aqueles que o criaram, qual se fora um quisto de curta ou longa duração, a dissolver-se, por fim, no bem infinito, à medida que se reeducam as Inteligências que a ele se aglutinam e afeiçoam”. É por isso que o Senhor tolera a desarmonia, para que, através dela mesma, se efetue o reajustamento moral dos que a sustentam, de vez que o mal reage sobre aqueles que o praticam. Somos todos senhores de nossas criações e, ao mesmo tempo, delas escravos infortunados ou felizes tutelados.

“Pedimos e obtemos, mas pagaremos por todas as aquisições”, acentuou Clarêncio.

“A responsabilidade é princípio divino a que ninguém poderá fugir.”

(Cap. I, págs. 10 a 12)

4. Uma oração refratada – Atendendo a um pedido que veio da Crosta, Clarêncio passou a examinar um pequeno gráfico que uma auxiliar do Templo do Socorro lhe entregou. Exibindo o documento que trazia nas mãos, o Ministro explicou:

“Temos aqui uma oração comovedora que superou as linhas vibratórias comuns do plano de matéria mais densa. Parte de uma devotada servidora que se ausentou de nossa cidade espiritual, há precisamente quinze anos terrestres, para determinadas tarefas na reencarnação”.

Informou que referida jovem recebia ainda a orientação dos Instrutores Espirituais de “Nosso Lar” e, respondendo a uma dúvida suscitada por Hilário, reportou-se à complexidade do programa reencarnatório, afirmando que quanto mais vastos os recursos espirituais de quem retorna à carne, mais complexo o mapa de trabalho a ser obedecido.

“Quase todos temos do pretérito expressivo montante de débito a resgatar e todos somos desafiados pelas aquisições a fazer. Nisso está o programa, significando em si uma espécie de fatalidade relativa no ciclo de experiências que nos cabe atender; entretanto, a conduta é sempre nossa e, dentro dela, podemos gerar circunstâncias em nosso benefício ou em nosso desfavor”, elucidou o Ministro, que mostrou que o livre arbítrio, também relativo;

“É uma realidade incontestável em todas as esferas de evolução da consciência”, mas em todos os planos marchamos em verdadeira interdependência: os filhos precisam dos pais, os doentes necessitam dos médicos, os moços não prescindem do aviso dos mais velhos. No caso em foco, tratava-se de uma oração refratada, que, diante da ignorância geral, foi assim definida por Clarêncio:

“A prece refratada é aquela cujo impulso luminoso teve a sua direção desviada, passando a outro objetivo”.

Evelina, a jovem cuja reencarnação fora garantida pelos Instrutores de “Nosso Lar”, é quem, encontrando-se em extremas dificuldades, fizera aquele apelo em favor do pai, às voltas com a saúde periclitante, e da madrasta, que vinha sofrendo obstinada perseguição por parte de Odila, a própria mãe desencarnada da suplicante.

(Cap. II, págs. 13 a 15)

2. Observai os pássaros do céu

6. Não acumuleis tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrões os desenterram e roubam; acumulai tesouros no céu, onde nem a ferrugem, nem os vermes os comem; porquanto, onde está o vosso tesouro aí está também o vosso coração.

Eis por que vos digo: “Não vos inquieteis por saber onde achareis o que comer para sustento da vossa vida, nem de onde tirareis vestes para cobrir o vosso corpo.

Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que as vestes?”

Observai os pássaros do céu: não semeiam, não ceifam, nada guardam em celeiros; mas vosso Pai celestial os alimenta. Não sois muito mais do que eles? e qual, dentre vós, o que pode, com todos os seus esforços, aumentar de um côvado a sua estatura?

Por que também vos inquietais pelo vestuário? Observai como crescem os lírios dos campos: não trabalham, nem fiam; entretanto, eu vos declaro que nem Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles. Ora, se Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira a erva dos campos, que existe hoje e amanhã será lançada na fomalha, quanto maior cuidado não terá em vos vestir, ó homens de pouca fé!

Não vos inquieteis, pois, dizendo: Que comeremos? Ou: que beberemos? Ou: de que nos vestiremos? Como fazem os pagãos, que andam à procura de todas essas coisas; porque vosso Pai sabe que tendes necessidade delas.

Buscai primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça, que todas essas coisas vos serão dadas de acréscimo. Assim, pois, não vos ponhais inquietos pelo dia de amanhã, porquanto o amanhã cuidará de si. A cada dia basta o seu mal.
(Mateus, 6:19 a 21 e 25 a 34.)

7. Interpretadas à letra, essas palavras seriam a negação de toda providência, de todo trabalho e, conseqüentemente, de todo progresso. Com semelhante princípio, o homem limitar-se-ia a esperar passivamente. Suas forças físicas e intelectuais conservar-se-iam inativas. Se tal fora a sua condição normal na Terra, jamais houvera ele saído do estado primitivo e, se dessa condição fizesse ele a sua lei para a atualidade, só lhe caberia viver sem fazer coisa alguma. Não pode ter sido esse o pensamento de Jesus, pois estaria em contradição com o que disse de outras vezes, com as próprias Leis da Natureza. Deus criou o homem sem vestes e sem abrigo, mas deu-lhe a inteligência para fabricá-los. (Cap. XIV, item 6; cap. XXV, item 2.) Não se deve, portanto, ver, nessas palavras, mais do que uma poética alegoria da Providência, que nunca deixa ao abandono os que nela confiam, querendo, todavia, que esses, por seu lado, trabalhem. Se ela nem sempre acode com um auxílio material, inspira as ideias com que se encontram os meios de sair da dificuldade.
(Cap. XXVII, item 8.)

Deus conhece as nossas necessidades e a elas provê, como for necessário. O homem, porém, insaciável nos seus desejos, nem sempre sabe contentar-se com o que tem: o necessário não lhe basta; reclama o supérfluo.

A Providência, então, o deixa entregue a si mesmo. Frequentemente, ele se torna infeliz por culpa sua e por haver desatendido à voz que por intermédio da consciência o advertia. Nesses casos, Deus fá-lo sofrer as conseqüências, a fim de que lhe sirvam de lição para o futuro.
(Cap. V, item 4.)

CAPÍTULO XXV – BUSCAI E ACHAREIS

8. A Terra produzirá o suficiente para alimentar a todos os seus habitantes, quando os homens souberem administrar, segundo as leis de justiça, de caridade e de amor ao próximo, os bens que ela dá. Quando a fraternidade reinar entre os povos, como entre as províncias de um mesmo império, o momentâneo supérfluo de um suprirá a momentânea insuficiência do outro; e cada um terá o necessário. O rico, então, considerar-se-á como um que possui grande quantidade de sementes; se as espalhar, elas produzirão pelo cêntuplo para si e para os outros; se, entretanto, comer sozinho as sementes, se as desperdiçar e deixar se perca o excedente do que haja comido, nada produzirão, e não haverá o bastante para todos. Se as amontoar no seu celeiro, os vermes as devorarão. Daí o haver Jesus dito:

“Não acumuleis tesouros na Terra, pois que são perecíveis; acumulai-os no céu, onde são eternos.” Em outros termos: não ligueis aos bens materiais mais importância do que aos espirituais e sabeis sacrificar os primeiros aos segundos.

(Cap. XVI, itens 7 e seguintes.)

A caridade e a fraternidade não se decretam em leis. Se uma e outra não estiverem no coração, o egoísmo aí sempre imperará. Cabe ao Espiritismo fazê-las penetrar nele.

Estudo metódico do Pentateuco Kardequiano II. Observai os pássaros do céu

Nº 326 – 25/08/2013

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Texto para leitura

334. Se Deus houvesse isentado do trabalho do corpo o homem, seus membros se teriam atrofiado; se o houvesse isentado do trabalho da inteligência, seu espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal. Por isso é que lhe fez do trabalho uma necessidade e lhe disse:

“Procura e acharás; trabalha e produzirás. Dessa maneira serás filho das tuas obras, terás delas o mérito e serás recompensado de acordo com o que hajas feito”.

(Cap. XXV, item 3.)

335. Os Espíritos não vêm isentar o homem da lei do trabalho: vêm unicamente mostrar-lhe a meta que lhe cumpre atingir e o caminho que a ela conduz, dizendo-lhe: Anda e chegarás. Toparás com pedras; olha e afasta-as tu mesmo. Nós te daremos a força necessária, se a quiseres empregar.

(Cap. XXV, item 4.)

336. “Não acumuleis tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrões os desenterram e roubam; acumulai tesouros no céu, onde nem a ferrugem, nem os vermes os comem; porquanto onde está o vosso tesouro aí está também o vosso coração. Eis por que vos digo: Não vos inquieteis por saber onde achareis o que comer para sustento da vossa vida, nem de onde tirareis vestes para cobrir o vosso corpo. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que as vestes?”

(Mateus, VI, 19 a 34.) (Cap. XXV, item 6.)

337. “Observai os pássaros do céu: não semeiam, não ceifam, nada guardam em celeiros; mas, vosso Pai celestial os alimenta. Não sois muito mais do que eles? Por que também vos inquieteis pelo vestuário? Observai como crescem os lírios dos campos; não trabalham, nem fiam; entretanto, eu vos declaro que nem Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles. Ora, se Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira a erva dos campos, que existe hoje e amanhã será lançada na fofalha, quanto maior cuidado não terá em vos vestir, ó homens de pouca fé!”

(Mateus, VI, 19 a 34.) (Cap. XXV, item 6.)

338. “Não vos inquieteis, pois, dizendo: Que comeremos? ou: Que beberemos? ou: De que nos vestiremos? como fazem os pagãos, que andam à procura de todas essas coisas; porque vosso Pai sabe que tendes necessidade delas. Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, que todas essas coisas vos serão dadas de acréscimo. Assim, pois, não vos ponhais inquietos pelo dia de amanhã, porque o amanhã cuidará de si. A cada dia basta o seu mal.”

(Mateus, VI, 19 a 34.) (Cap. XXV, item 6.)

339. A Providência nunca deixa ao abandono os que nela confiam, querendo, todavia, que esses, por seu lado, trabalhem. Se ela nem sempre acode com um auxílio material, inspira as ideias com que se encontram os meios de sair da dificuldade.

(Cap. XXV, item 7.)

340. Deus conhece as nossas necessidades e a elas provê, como for necessário. O homem, porém, insaciável nos seus desejos, nem sempre sabe contentar-se com o que tem: o necessário não lhe basta; reclama o supérfluo.

(Cap. XXV, item 7.)

CAPÍTULO XXV – BUSCAI E ACHAREIS

341. A Providência, então, o deixa entregue a si mesmo. Frequentemente, ele se torna infeliz por culpa sua e por haver desatendido à voz que por intermédio da consciência o advertia. Nesses casos, Deus fá-lo sofrer as consequências, a fim de que lhe sirvam de lição para o futuro. (Cap. XXV, item 7.)

342. Quando a fraternidade reinar entre os povos, como entre as províncias de um mesmo império, o momentâneo supérfluo de um suprirá a momentânea insuficiência do outro; e cada um terá o necessário. O rico, então, considerar-se-á como um que possui grande quantidade de sementes; se as espalhar, elas produzirão pelo cêntuplo para si e para os outros; se, entretanto, comer sozinho as sementes, se as desperdiçar e deixar se perca o excedente do que haja comido, nada produzirão, e não haverá o bastante para todos. Se as amontoar no seu celeiro, os vermes as devorarão. (Cap. XXV, item 8.)

343. É por isso que Jesus disse: “Não acumuleis tesouros na Terra, pois que são perecíveis; acumulai-os no céu, onde são eternos”. Em outros termos: não ligueis aos bens materiais mais importância do que aos espirituais e sabeis sacrificar os primeiros aos segundos. (Cap. XXV, item 8.)

344. A caridade e a fraternidade não se decretam em leis. Se uma e outra não estiverem no coração, o egoísmo aí sempre imperará. Cabe ao Espiritismo fazê-las penetrar nele. (Cap. XXV, item 8.)

Questões propostas

A. Que posição devemos tomar, como espíritas, ante os que não pensam como nós?

R. Quanto aos que não os quisessem ouvir, Jesus recomendou a seus apóstolos, pura e simplesmente, que se fossem embora, à procura de pessoas de boa vontade.

A mesma conduta recomenda o Espiritismo a seus adeptos: não violentemos nenhuma consciência; a ninguém forcemos para que deixe a sua crença, a fim de adotar a nossa; não procuremos anatematizar os que não pensam como nós; acolhamos os que venham ter conosco e deixemos tranquilos os que nos repelem.

Lembremo-nos, por fim, das palavras do Cristo: Outrora, o céu era tomado com violência; hoje o é pela brandura.

(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXV, item 11.)

B. Será válido cobrar pelas curas e preces feitas a outrem?

R. Não. O ensinamento dado por Jesus a esse respeito é muito claro: “Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios.

Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido”.

(Obra citada, cap. XXVI, itens 1 e 2.)

C. Qual o mérito das preces pagas?

R. A prece é ato de caridade, é um arroubo do coração. Cobrar alguém que se dirija a Deus por outrem é transformar-se em intermediário assalariado.

Deus não vende os benefícios que concede.

Como, pois, um que não é, sequer, o distribuidor deles, que não pode garantir a sua obtenção, cobraria um pedido que talvez nenhum resultado produza? Não é possível que Deus subordine um ato de clemência, de bondade ou de justiça, que da sua misericórdia se solicite, a uma soma em dinheiro.

Obviamente, nenhum mérito haverá nisso, nem da parte de quem paga e muito menos da parte de quem recebe.

(Obra citada, cap. XXVI, itens 3 e 4.)

D. Qual o grande inconveniente das preces pagas?

R. O grande inconveniente das preces pagas é julgar-se aquele que as compra dispensado de orar ele próprio, porquanto se considera quite, desde que deu o seu dinheiro.

Sabe-se que os Espíritos se sentem tocados pelo fervor de quem por eles se interessa.

Qual pode ser o fervor daquele que comete a terceiro o encargo de, por ele orar, mediante paga?

Qual o fervor desse terceiro, quando delega o seu mandato a outro, este a outro e assim por diante? Não será isso reduzir a eficácia da prece ao valor de uma moeda em curso?

(Obra citada, cap. XXVI, item 4.)

Crônicas e Artigos

Nº 251 – 11/04/2012

O Consolador – (Rogério Coelho)

II. Observai os pássaros do céu

Renúncia com Jesus

O segredo da felicidade humana reside na habilidade de saber renunciar na ocasião precisa.

“Renunciar por amor ao Cristo é perder as esperanças da Terra, conquistando as do Céu.”
(Emmanuel) (1)

Ao mesmo tempo em que Jesus recomenda aos homens a renúncia aos bens deste mundo, prometendo-lhes os do Céu, ele afirma (2): “Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra”.

Para tirar-nos desse aparente paradoxo, só mesmo Allan Kardec! Vejamos o que nos ensina o nobre Mestre Lionês (3):

“Enquanto aguarda os bens do Céu, tem o homem necessidade dos da Terra para viver. Apenas, o que Jesus recomenda ao homem, é que não ligue a estes últimos mais importância do que aos primeiros.

Por aquelas palavras quis o Mestre dizer que até agora os bens da Terra são açambarcados pelos violentos, em prejuízo dos que são brandos e pacíficos; que a estes falta muitas vezes o necessário, ao passo que outros têm o supérfluo. Promete que justiça lhes será feita, assim na Terra como no Céu, porque serão chamados filhos de Deus.

Quando a Humanidade se submeter à Lei de Amor e Caridade, deixará de haver egoísmo; o fraco e o pacífico já não serão explorados, nem esmagados pelo forte ou pelo violento. Tal será a condição da Terra, quando, de acordo com a Lei do Progresso e a promessa de Jesus, se houver tornado um mundo ditoso, por efeito do afastamento dos maus”.

Mais adiante, as seguintes palavras de Jesus são registradas pelo Evangelista (4)

“E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, mulher, filhos ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto e herdará a Vida Eterna”.

Para elucidar esse outro aparente paradoxo de Jesus, socorramo-nos, desta vez, na indiscutível sabedoria de Emmanuel (1)

“Neste versículo do Evangelho de Mateus, o Mestre Divino nos induz ao dever de renunciar aos bens do mundo para alcançar a Vida Eterna. Há necessidade, proclama o Messias, de abandonar pai, mãe, mulher e irmãos do mundo; no entanto, é necessário esclarecer como renunciar: Jesus explica que o êxito pertencerá aos que assim procederem por amor de Seu nome. À primeira vista, o alvitre divino parece contraditório contrassenso, pois, como podemos olvidar os sagrados deveres da existência, se o Cristo veio até nós para santificá-los?! Nos tempos antigos, os discípulos precipitados não souberam atingir o sentido do texto.

Numerosos irmãos de ideal recolheram-se à sombra do claustro, esquecendo obrigações superiores e inadiáveis.

Fácil, porém, reconhecer como o Cristo renunciou: Aos companheiros que O abandonaram, aparece, glorioso, na ressurreição; e não obstante as hesitações dos amigos, divide com eles, no cenáculo, os júbilos eternos. Aos homens ingratos que O crucificaram, oferece sublime roteiro de salvação com o Evangelho e nunca se descuidou um minuto das criaturas. E um dia, Ele renunciou ao Seu Jardim de Estrelas para encarnar nas sombrias estâncias de um planeta de provas e expiações.

CAPÍTULO XXV – BUSCAI E ACHAREIS

Observemos, portanto, o que representa renunciar por amor ao Cristo: É perder as esperanças da Terra, conquistando as do Céu. Isso se encontra insofismavelmente exarado no Evangelho de Mateus, capítulo seis, versículos dezanove e vinte, onde lemos: “Não ajunteis para vós tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem os consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai para vós tesouros no Céu, onde nem a traça nem a ferrugem os consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam”.

Portanto, se os pais são incompreensíveis, se a companheira é ingrata, se os irmãos parecem cruéis, é preciso renunciar à alegria de tê-los melhores ou perfeitos, unindo-nos, ainda mais, a eles todos, a fim de trabalhar no aperfeiçoamento com Jesus.

Acaso não encontras compreensão no lar? Os amigos e irmãos são indiferentes e rudes? Permanece ao lado deles, mesmo assim, esperando para mais tarde o júbilo de encontrar os que se afinam perfeitamente contigo. Somente desse modo renunciarás aos teus, fazendo-lhes todo o bem por dedicação ao Mestre, e, somente com semelhante renúncia, alcançarás a Vida Eterna”.

Afiança Léon Tolstoi (5):

“O segredo da felicidade humana reside na habilidade de saber renunciar na ocasião precisa. E aquele que sabe renunciar viverá em paz, enamorado sempre dos ideais superiores, inspirados no Amor Divino”.

(1) **Emmanuel**, Caminho Verdade e Vida, (psicografia Chico Xavier), (cap. 154.)

(2) **Mateus**, 5:5.

(3) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. IX, item 5.)

(4) **Mateus**, 19:29.

(5) **Pereira** Yvonne do Amaral, Ressurreição e Vida, (cap. VII, 2ª parte, § 4.)

3. Não vos afadigueis pela posse do ouro

9. Não vos afadigueis por possuir ouro, ou prata, ou qualquer outra moeda em vossos bolsos. Não prepareis saco para a viagem, nem dois fatos, nem calçados, nem cajados, porquanto aquele que trabalha merece sustentado.

10. Ao entrardes em qualquer cidade ou aldeia, procurai saber quem é digno de vos hospedar e ficai na sua casa até que partais de novo. Entrando na casa, saudai-a assim: “Que a paz seja nesta casa.” Se a casa for digna disso, a vossa paz virá sobre ela; se não o for, a vossa paz voltará para vós.

Quando alguém não vos queira receber, nem escutar, sacudi, ao sairdes dessa casa ou cidade, a poeira dos vossos pés. Digo-vos, em verdade: “No dia do juízo, Sodoma e Gomorra serão tratadas menos rigorosamente do que essa cidade.”

(Mateus, 10:9 a 15.)

11. Naquela época, nada tinham de estranhável essas palavras que Jesus dirigiu a seus apóstolos, quando os mandou, pela primeira vez, anunciar a Boa Nova. Estavam de acordo com os costumes patriarcais do Oriente, onde o viajor encontrava sempre acolhida na tenda; mas, então, os viajantes eram raros. Entre os povos modernos, o desenvolvimento da circulação houve de criar costumes novos. Os dos tempos antigos somente se conservam em países longínquos, onde ainda não penetrou o grande movimento. Se Jesus voltasse hoje, já não poderia dizer a seus apóstolos:

“Ponde-vos a caminho sem provisões.”

A par do sentido próprio, essas palavras guardam um sentido moral muito profundo. Proferindo-as, ensinava Jesus a seus discípulos que confiassem na Providência. Ademais, eles, nada tendo, não despertariam a cobiça nos que os recebessem. Era um meio de distinguirem dos egoístas os caridosos. Por isso foi que lhes disse: “Procurai saber quem é digno de vos hospedar” ou: quem é bastante humano para agasalhar o viajante que não tem com que pagar, porquanto esses são dignos de escutar as vossas palavras; pela caridade deles é que os reconheceréis.

Quanto aos que não os quisessem receber, nem ouvir, recomendou Ele porventura aos apóstolos que os amaldiçoassem, que se lhes impusessem, que usassem de violência e de constrangimento para os converterem?

Não; mandou, pura e simplesmente, que se fossem embora, à procura de pessoas de boa vontade.

O mesmo diz hoje o Espiritismo a seus adeptos: não violenceis nenhuma consciência; a ninguém forceis para que deixe a sua crença, a fim de adotar a vossa; não anatematizeis os que não pensem como vós; acolhei os que venham ter convosco e deixai tranquilos os que vos repelem. Lembrai-vos das palavras do Cristo. Outrora, o céu era tomado com violência; hoje o é pela brandura.

(Cap. IV, itens 10 e 11.)

Estudo Metódico do Pentateuco Kardequiano III. Não vos afadigueis pela posse do ouro

Nº 325 – 18/08/2013

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Evangelho segundo o Espiritismo

Texto para leitura

324. Jesus se acercava, principalmente, dos pobres e dos deserdados, porque são os que mais necessitam de consolações; dos cegos dóceis e de boa-fé, porque pedem se lhes dê a vista, e não dos orgulhosos que julgam possuir toda a luz e de nada precisar.

(Cap. XXIV, item 12.)

325. Essas palavras, como tantas outras, encontram no Espiritismo a aplicação que lhes cabe, pois há quem se admire de que, por vezes, a mediunidade seja concedida a pessoas indignas, capazes de a usarem mal. Parece (dizem eles) que tão preciosa faculdade deveria ser atributo exclusivo dos de maior merecimento.

(Cap. XXIV, item 12.)

326. Digamos, antes de tudo, que a mediunidade é inerente a uma disposição orgânica, de que qualquer homem pode ser dotado, como da faculdade de ver, de ouvir, de falar. Ora, nenhuma há de que o homem, por efeito do seu livre-arbítrio, não possa abusar.

(Cap. XXIV, item 12.)

327. Se só aos mais dignos fosse concedida a faculdade de se comunicar com os Espíritos, quem ousaria pretendê-la? Onde, ao demais, o limite entre a dignidade e a indignidade? A mediunidade é concedida sem distinção a todos, para que os Espíritos possam trazer a luz a todas as camadas, a todas as classes sociais, ao pobre como ao rico, aos retos e aos viciosos. Não são estes últimos os doentes que necessitam de médico? Por que Deus os privaria do socorro que os pode arrancar do lameiro?

(Cap. XXIV, item 12.)

328. A mediunidade não implica necessariamente relações habituais com os Espíritos superiores. É apenas uma aptidão para servir de instrumento mais ou menos dúctil aos Espíritos em geral. O bom médium, pois, não é aquele que se comunica facilmente, mas aquele que é simpático aos bons Espíritos e somente deles tem assistência. Unicamente neste sentido é que a excelência das qualidades morais se torna onipotente sobre a mediunidade.

(Cap. XXIV, item 12.)

329. “Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei à porta e ela se vos abrirá; porquanto quem pede recebe e quem procura acha, e àquele que bate à porta, ela se abrirá. Qual o homem, dentre vós, que dá uma pedra ao filho que lhe pede pão? Ou, se pedir um peixe, dar-lhe-á uma serpente? Ora, se, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, não é lógico que, com mais forte razão, vosso Pai que está nos céus dê os bens verdadeiros aos que lhos pedirem?”

(Mateus, VII, 7 a 11.) (Cap. XXV, item 1.)

330. Do ponto de vista terreno, a máxima: Buscai e achareis é análoga a esta outra: Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará. É o princípio da lei do trabalho e, por conseguinte, da lei do progresso, porquanto o progresso é filho do trabalho, visto que este põe em ação as forças da inteligência.

(Cap. XXV, item 2.)

CAPÍTULO XXV – BUSCAI E ACHAREIS

331. Bem pouca coisa é, imperceptível mesmo, em grande número dos indivíduos, o progresso que cada um realiza individualmente no curso da vida. Como poderia então progredir a Humanidade, sem a preexistência e a sobrevivência da alma?

(Cap. XXV, item 2.)

332. Se as almas se fossem todos os dias, para não mais voltarem, a Humanidade se renovaria incessantemente com os elementos primitivos, tendo de fazer tudo, de aprender tudo. Não haveria, nesse caso, razão para o homem se achar hoje mais adiantado do que nas primeiras idades do mundo, uma vez que a cada nascimento todo o trabalho intelectual teria de recomeçar.

(Cap. XXV, item 2.)

333. Ao contrário disso, voltando com o progresso que já realizou e adquirindo de cada vez alguma coisa a mais, a alma passa gradualmente da barbárie à civilização material e desta à civilização moral.

(Cap. XXV, item 2.)

Questões propostas

A. Como o Espiritismo interpreta a recomendação de Jesus: “Procurai primeiramente o reino de Deus e sua justiça”?

R. Deve-se ver nessas palavras de Jesus uma referência alegórica à Providência, que nunca deixa ao abandono os que nela confiam, querendo, no entanto, que esses façam a parte que lhes cabe. De fato, o Pai sempre nos acode, por meio dos benfeitores espirituais, quando nos encontramos em dificuldade, inspirando-nos ideias para que por nós mesmos superemos as agruras e as vicissitudes que se apresentam à nossa frente ao longo da jornada.

(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXV, itens 6 a 8.)

B. Chegará um dia em que a Terra não produzirá o suficiente para todos?

R. Não. A Terra sempre produzirá o suficiente para alimentar a todos os seus habitantes, desde que os homens saibam administrar, segundo as leis de justiça, de caridade e de amor ao próximo, os bens que ela nos dá. Quando a fraternidade reinar entre os povos, como entre as províncias de um mesmo império, o momentâneo supérfluo de um suprirá a momentânea insuficiência do outro, e cada um terá o necessário.

(Obra citada, cap. XXV, item 8.)

C. Qual a tarefa do Espiritismo no tocante à disseminação da caridade?

R. A caridade e a fraternidade não se decretam por meio de leis. Se uma e outra não estiverem no coração da pessoa, o egoísmo aí sempre imperará. Cabe ao Espiritismo fazê-las penetrar nele, revelando qual é o verdadeiro sentido da caridade e mostrando os benefícios que sua prática traz às pessoas, à sociedade e ao planeta em que vivemos.

(Obra citada, cap. XXV, item 8.)

D. Que sentido tem este ensinamento: “Não vos inquieteis pela posse de ouro ou de prata”?

R. A par do sentido próprio, essas palavras guardam um sentido moral muito profundo. Ao proferi-las, Jesus quis mostrar-nos que há coisas mais importantes na vida, bens que o ladrão não rouba e a traça não consome, que são os valores espirituais, que conservaremos para sempre, ao passo que o ouro e a prata, assim como tudo que é material, constituem valores transitórios que não nos pertencem de fato e que, portanto, teremos de deixar quando retornarmos à verdadeira vida.

(Obra citada, cap. XXV, itens 9 a 11.)

Crônicas e Artigos

Nº 92 – 01/02/2009

O Consolador – (Francisco Rebouças)

III. Não vos afadigueis pela posse do ouro

Também nós, tenhamos cuidado!

“Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados e descaiais da vossa firmeza”

– Pedro (II PEDRO, 3:17).

É imprescindível que entendamos o quanto antes que o esclarecimento íntimo é inalienável tesouro que os discípulos sinceros do Cristo precisam desenvolver por todos os meios ao nosso alcance e com a máxima, urgência e determinação possíveis.

A sociedade está repleta de homens abomináveis que invadem e dominam os campos da política, da ciência, da religião e constroem obras lamentáveis e chocantes para os Espíritos menos vigilantes; que, desavisados e imprudentes, são por eles arrebatados às surpresas do vale do engano e da morte, e seguem absolutamente desequilibrados nos círculos da vida em ambos os planos; o físico e o espiritual.

Dos enganos e das falsidades de suas construções, individualistas, consolidadas nas ações orgulhosas e egoístas, precipitam-se em despenhadeiros apavorantes, onde se distanciam, cada vez mais, da moral, da dignidade e da luz.

São muitos os imprevidentes que, sem uma reflexão maior, se deixam arrastar por fantasiosas criações das mentes perturbadas pela posse do ouro e do poder; mas, graças ao trabalho de incansáveis e dedicados discípulos da Seara de Jesus, alguns desses distraídos do caminho conseguem obter socorro eficiente e justo, no auxílio que recebem dos Celestes Emissários do alto, para deixarem o equivocado e perigoso caminho que trilham, simplesmente por desconhecerem a verdadeira situação em que se encontram, iludidos pelo fascínio das falsas e ilusórias fantasias.

Não procuraram analisar as informações que lhes foram apresentadas, e acreditaram sem ao menos o trabalho de verificar a procedência e o fundamento moral de tais conceitos, onde, muitas das vezes, o sentido verdadeiro dos ensinamentos ministrados foi falseado ou modificado propositadamente, visando unicamente, a mantê-los na ignorância por motivos escusos e condenáveis.

Semelhante situação não acontece com os verdadeiros aprendizes, fiéis seguidores da mensagem cristã, que, por estudarem de forma séria e disciplinada o conteúdo nos Evangelhos, conhecem, de antemão, a verdade de tudo o que o Mestre Maior da humanidade ensinou e exemplificou com sua conduta irrepreensível.

O dedicado aprendiz só se deixará levar por equívocos quando se fizer surdo aos convites do bem, deixando-se envolver pelas armadilhas das sombras, podendo dessa forma ser levado a percorrer os tortuosos caminhos, diferentes daqueles sugeridos pelos Emissários da Paz e do progresso.

Os Bons Espíritos só nos conduzem por estradas largas e retas onde podemos desfrutar da calma natural de quem tem a consciência tranquila de que está agindo em conformidade com os princípios Divinos contidos nas Leis de Deus, perfeitas e imutáveis.

Deus nos dá sempre em conformidade com nossas necessidades; ao doente e desprotegido, permitirá que receba os benefícios do remédio; ao equivocado, permitirá que seja transmitida a orientação adequada para que encontre o porto seguro do equilíbrio; e ao trabalhador,

CAPÍTULO XXV – BUSCAI E ACHAREIS

proporcionará ganho suficiente para lhe garantir os recursos necessários à conquista do progresso moral que precisa empreender rumo à felicidade e à pureza espiritual.

Necessário se faz entender que o fiel discípulo de Jesus será, mais cedo ou mais tarde, bafejado pelas benesses do Céu em seus dias, recebendo os frutos do esclarecimento que lhe trarão consolações, luzes e bênçãos, para que se dedique ao trabalho em seu próprio favor e de seu semelhante, cada vez mais e melhor, por saber, de antemão, o quanto lhe compete realizar em serviço e vigilância para se desvencilhar das ilusões dos homens abomináveis, agindo com a responsabilidade que lhe compete, fugindo das aflitivas realidades que aguardam nos planos inferiores os incautos, preguiçosos e inconsequentes de hoje.